

Bianca Camargo Martins
(Organizadora)

O Essencial da Arquitetura e Urbanismo 2



Atena
Editora
Ano 2019

Bianca Camargo Martins

(Organizadora)

O Essencial da Arquitetura e Urbanismo 2

Atena Editora

2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E78 O essencial da arquitetura e urbanismo 2 [recurso eletrônico] /
Organizadora Bianca Camargo Martins. – Ponta Grossa (SP):
Atena Editora, 2019. – (O Essencial da Arquitetura e Urbanismo;
v. 2)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-266-1
DOI 10.22533/at.ed.661191704

1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Urbanismo. I. Martins,
Bianca Camargo. II. Série.

CDD 720

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Nos dias de hoje, é muito discutido o papel social da Arquitetura e do Urbanismo. Por muitos anos, o papel social foi interpretado apenas como a arquitetura específica para as camadas populacionais de menor renda, sem acesso ao mercado formal de moradias – e de arquitetura. Porém, com a crise urbana em que vivemos atualmente, onde grandes parcelas da população não tem acesso às “benesses” do espaço urbano, essa discussão voltou à tona.

Muito mais do que levar a arquitetura para os mais necessitados, devemos reinventar nossa prática profissional para sermos os agentes transformadores da sociedade atual e enfrentarmos os desafios, sociais, políticos e econômicos que estamos vivenciando diariamente em nossas cidades.

Esta edição de “O Essencial de Arquitetura e Urbanismo 2” apresenta experiências das mais diversas áreas da arquitetura e urbanismo, como: arquitetura, ensino, conforto ambiental, paisagismo, preservação do patrimônio cultural, planejamento urbano e tecnologia. Assim, busca trazer ao leitor novos conceitos e novas reflexões para a prática da arquitetura e do urbanismo.

Neste contexto, é abordada desde as metodologias pedagógicas ativas a serem utilizadas no ambiente escolar até a compatibilização de projetos com o uso da Metodologia BIM (Building Information Modeling). A acessibilidade é abordada a partir de diversas perspectivas: desde um edifício isolado até a acessibilidade de uma cidade, evidenciando a importância da discussão nos dias de hoje. Cabe destacar também os estudos de análise de edificações culturais e de cenografia de exposições e performances. A relação da cidade com o seu patrimônio cultural é tratada em diversos capítulos, desde a gestão patrimonial até a utilização de cemitérios como espaços de memória – uma iniciativa prática que demonstra que a arquitetura, assim como a cultura, está em todos os lugares. Dou ênfase também à importância dada ao patrimônio imaterial, tema de extrema relevância e que é, muitas vezes, desvalorizado pelo poder público.

A discussão sobre a dinâmica dos espaços urbanos é extensa e deveras frutífera. Nesta edição, os capítulos focam na importância da arborização urbana para o bem estar da população, na participação popular nas discussões sobre a cidade, na problemática da existência de vazios urbanos em áreas urbanas consolidadas, nas estratégias de *city marketing*, na cidade global e demais temas que comprovam a multiplicidade de questões e formas de análise que envolvem a discussão sobre a vida urbana.

Por fim, são apresentados estudos sobre novas tecnologias e materiais voltados ao desenvolvimento sustentável, especialmente no tocante à gestão de resíduos da construção civil e à mitigação de riscos e desastres.

Convido você a aperfeiçoar seus conhecimentos e refletir com os temas aqui abordados. Boa leitura!

Bianca Camargo Martins

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CONTRIBUIÇÕES DOS ANAIS PARA PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM ARQUITETURA E URBANISMO	
Sofia Pessoa Lira Souza Augusto Aragão Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.6611917041	
CAPÍTULO 2	13
INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS E AS METODOLOGIAS PEDAGÓGICAS ATIVAS NA ESCOLA DO SÉCULO XXI	
Roberta Betania Ferreira Squaiella Roberto Righi	
DOI 10.22533/at.ed.6611917042	
CAPÍTULO 3	29
PROJETO DO FÓRUM ELEITORAL DE AFUÁ, O LUGAR SOB O PONTO DE VISTA DOS USUÁRIOS	
Angelo Pio Passos Neto Ana Klaudia de Almeida Viana Perdigão	
DOI 10.22533/at.ed.6611917043	
CAPÍTULO 4	44
PROCESSO DE PROJETO CENTRADO NO USUÁRIO: PENSANDO A ACESSIBILIDADE	
Vanessa Goulart Dorneles Isabela Fernandes Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.6611917044	
CAPÍTULO 5	61
ACESSIBILIDADE NA RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO	
Lília Caroline de Moraes Cecília de Amorim Pereira Eduardo Raimundo Dias Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.6611917045	
CAPÍTULO 6	71
WRIGHT E SIZA: DOIS MUSEUS E O VISITANTE	
Andrya Campos Kohlmann Douglas Vieira de Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.6611917046	
CAPÍTULO 7	93
ENTRE O SÍMBOLO DO FASCIO - O PAVILHÃO FASCISTA EM SÃO PAULO	
Gustavo de Almeida Sampaio	
DOI 10.22533/at.ed.6611917047	

CAPÍTULO 8	106
A POESIA CÊNICA DE FLÁVIO IMPÉRIO: BREVE ANÁLISE DA CENOGRAFIA DE 'ROSA DOS VENTOS', DE MARIA BETHÂNIA (1971)	
Carlos Eduardo Ribeiro Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.6611917048	
CAPÍTULO 9	122
CURADORIA COLETIVA E MEDIAÇÃO CULTURAL NA ELABORAÇÃO DA EXPOSIÇÃO: "DO ECLETISMO AO CONTEMPORÂNEO"	
Alexandre Sônego Carvalho	
Ana A. Villanueva Rodrigues	
Geise Brizotti Pasquotto	
Jéssica Priscila Grando	
DOI 10.22533/at.ed.6611917049	
CAPÍTULO 10	131
INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE NA AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO DE ECOVILAS: O CASO BEDZED	
Emiliana Rodrigues Costa	
Alexandre Pajeú Moura	
DOI 10.22533/at.ed.66119170410	
CAPÍTULO 11	145
WAYFINDING: FERRAMENTA DE PROJETOS NA GESTÃO HOSPITALAR	
Guilherme Gattás Bara	
José Gustavo Francis Abdalla	
Márcia Moreira Rangel	
DOI 10.22533/at.ed.66119170411	
CAPÍTULO 12	152
TRANSFORMATIONS TO THE CLOISTERS AND THRESHOLD OF PAVILIONS IN HOSPITALS OF MEXICO	
María Lilia González Servín	
DOI 10.22533/at.ed.66119170412	
CAPÍTULO 13	160
CONJUNTO ESCOLA PARQUE: PATRIMÔNIO MATERIAL DA BAHIA E REFERÊNCIA PARA CONJUNTOS ESCOLARES NO BRASIL	
Roberta Betania Ferreira Squaiella	
Roberto Righi	
DOI 10.22533/at.ed.66119170413	
CAPÍTULO 14	177
NOTAS PARA O ESTUDO DE CAPELAS DO CICLO DO OURO EM MINAS GERAIS	
Elio Moroni Filho	
DOI 10.22533/at.ed.66119170414	
CAPÍTULO 15	198
A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO EM COLATINA E SUA TRAJETÓRIA	
Alexandre Valbuza Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.66119170415	

CAPÍTULO 16	214
ESTUDO DAS ARGAMASSAS ANTIGAS DA IGREJA DE N. S ^a DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS EM SÃO CRISTÓVÃO SE/BR	
Eder D. da Silva Adriana D. Nogueira Taina G. dos Santos Gabriela de M. Rabelo Maisa da R. Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.66119170416	
CAPÍTULO 17	229
A INSERÇÃO DOS CEMITÉRIOS NA HISTÓRIA DA CIDADE DE BELÉM NO SÉCULO XIX	
Amanda Roberta de Castro Botelho	
DOI 10.22533/at.ed.66119170417	
CAPÍTULO 18	245
ITINERÁRIOS DA MEMÓRIA: O CEMITÉRIO COMO ESPAÇO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL	
Marcelina Das Graças De Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.66119170418	
CAPÍTULO 19	257
AS TESSITURAS DA MEMÓRIA E A CONSTRUÇÃO IMAGINÁRIA DO ESPAÇO: HISTÓRIA ORAL E PATRIMÔNIO NA PEDREIRA PRADO LOPES	
Alexandra Nascimento Alex César de Oliveira Fonseca Ingrid Nayara Brito Jhonatan Ribeiro Santos Letícia Ferreira D'Angelo Martin Nicolas Rodriguez Stenia Carvalho Pessoa Talita Freitas de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.66119170419	
CAPÍTULO 20	272
O CRESCIMENTO DAS AÇÕES DE PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL	
Monique Avelino Damaso	
DOI 10.22533/at.ed.66119170420	
CAPÍTULO 21	284
FESTA DE SANTA CRUZ EM OURO PRETOA TRADIÇÃO CULTURAL COMO ELEMENTO DE IDENTIDADE E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO URBANO PELA COMUNIDADE	
Letícia Campos Filgueiras Fabiana Mendes Tavares Jacques	
DOI 10.22533/at.ed.66119170421	
CAPÍTULO 22	300
MEMÓRIA OU NOSTALGIA? AS RELAÇÕES CIDADE-EMPRESA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX: UM ESTUDO DE CASO DA SIDERURGIA EM MINAS GERAIS	
Ronaldo André Rodrigues da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.66119170422	

CAPÍTULO 23	315
UMA RUA DE MUITOS LUGARES - ROTEIRO PELO CENTRO HISTÓRICO DE CUIABÁ	
Lúcia de Fátima Lobato Ferreira	
Francisco de Assis Pereira de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.66119170423	
CAPÍTULO 24	326
GESTÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL: DIAGNÓSTICO DA ATUAÇÃO DO ESTADO EM SÍTIO TOMBADO	
João Gustavo Andrade Silva	
DOI 10.22533/at.ed.66119170424	
CAPÍTULO 25	351
CONSELHO DE PATRIMÔNIO CULTURAL COMO AGENTE DA CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO E DA MEMÓRIA SOCIAL: ESTUDO DE CASO DO CMPC EM PIEDADE DO RIO GRANDE-MG	
Jucilaine Neves Sousa Wivaldo	
Gilson Camilo de Sousa Neto	
João Batista de Sousa Neto	
DOI 10.22533/at.ed.66119170425	
SOBRE A ORGANIZADORA	363

MEMÓRIA OU NOSTALGIA? AS RELAÇÕES CIDADE-EMPRESA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX: UM ESTUDO DE CASO DA SIDERURGIA EM MINAS GERAIS

Ronaldo André Rodrigues da Silva

RESUMO: O artigo procura apresentar as possibilidades de estudos interdisciplinares que tem como eixo principal a história social e a história empresarial sob as perspectivas dos campos da arqueologia industrial e do patrimônio industrial. A ideia principal baseia na construção dos conceitos de memória social e cultural que estão alicerçadas no resgate de um passado recente que integra as dimensões de atuação das organizações no contexto das cidades. Por metodologia toma-se a interdisciplinaridade e a diversidade como elementos que compõem o patrimônio cultural e se propõe discussões sobre sua interpretação para elementos contextuais da primeira metade do século XX. Com isso, traz-se à problematização uma categorização das relações empresa-sociedade para o campo da estruturação social e identidade coletiva segundo as ações complementares dos diversos agentes sociais, em especial as empresas. Fundamenta-se, dessa maneira, o estudo de caso de uma indústria do ramo siderúrgico e sua atuação no Estado de Minas Gerais nas primeiras décadas do século XX o que permite identificar elementos essenciais para a formação de um contexto cultural e identidade particulares. Os vínculos empresa-sociedade, quer pessoais ou coletivos, se constroem em

uma estreita relação entre formação do capital social e econômico e a diversidade de ações estruturantes das comunidades em que a empresa atua, seja no âmbito organizacional, como social. Destacam-se, nesse contexto, os equipamentos sociais e programas sociais desenvolvidos junto às comunidades e relacionados às áreas de educação, lazer, saúde e formação cidadã. Os resultados alcançados ao longo do período analisado, entre os anos 1920-1960, revelam que o papel da Companhia se apresenta essencial para a constituição das comunidades e como fonte insubstituível de estruturação social e urbana, inclusive, pela complementaridade às atividades públicas. Evidencia-se, pois, um importante laço entre empresa e sociedade que possui força de expressão no cotidiano e determinação junto às atividades de empregados, familiares e mesmo ao entorno social. Essa conjuntura determina a construção de referências ao indivíduo e comunidade que passam a fazer parte de uma memória pessoal e coletiva. Entretanto, o período analisado, por seu distanciamento cronológico, traz contornos de nostalgia, pois a percepção de relação social apresenta um contexto de memórias passadas e muitas vezes, não vividas, apenas recordadas. Pode-se avaliar, então, que o patrimônio cultural e sua construção se apresentam, muitas vezes, em diferentes formas de manifestação, seja um

passado determinado que se reconfigura com a atual gestão social da empresa, seja pela memória e história já construídas, mas que para além do passado, se refletem pela expressividade e representatividade no presente.

PALAVRAS-CHAVE: Memória Social, Patrimônio Cultural, Patrimônio Industrial, Cidade-Empresa.

1 | INTRODUÇÃO À MEMÓRIA

O conceito de memória surge de uma percepção multivariada de fatores que se entrecruzam e determinam ao seu conteúdo uma condição de transdisciplinariedade, de tal forma que se tem determinados ao presente os fatores que constituem a presença do passado.

Tem-se em Maurice Halbwachs um dos precursores de estudos da memória, aplicada às relações sociais e ao coletivo, e, portanto, à memória da empresa. Em seus estudos, a partir de uma análise de Santos (1993, 1998), tem-se a construção de uma análise dos quadros de representação da memória coletiva a partir dos que se pode verificar a amplitude das relações humanas segundo as interações sociais. Muitas análises se realizaram baseadas em questões que procuram desenvolver os estudos relativos à memória a partir da construção do conceito e sua percepção segundo as identidades, individuais e coletivas que dela, a memória, se apropriam.

Dentre os estudos da memória, tem-se a elaboração do conceito de memória coletiva, segundo Mejía e Álvarez (2005) que apontam o trabalho de Olick e Robbins (1998) e nele identificam o princípio do fenômeno de memória coletiva nos escritos de Hugo von Hofmannsthal em 1902. Além disso, reafirmam a importância dos estudos de Halbwachs realizados nos anos 20 do século XX como importantes pontos de análise para se descrever o fenômeno.

Assim, o conceito de memória coletiva construído segundo os teóricos acima apresentados determina-se como um conjunto de elementos do presente que se referem ao passado e que trazem significado e identidade para um grupo de indivíduos, seja específico a determinada categoria ou mesmo a coletividade e de maneira mais global nação ou Estado. Estas recordações ou lembranças têm significados próprios que determinam aos que com ela se identificam graus diferenciados de importância, identificação e identidade. Geralmente se estabelecem segundo mudanças e transformações constituídas a partir de um tempo e espaço pré-concebidos no contexto do grupo a que se refere. Para tal, os indivíduos e grupos percebem a memória como uma

“[...] necessidade de reconstruir e inventar o passado quanto haja prioridade. Os grupos têm necessidade de reconstruir permanentemente suas recordações através de suas conversas, contatos, rememorações, efemérides, usos e costumes, conservação de seus objetos e pertences e a permanência nos lugares onde tenham desenvolvido suas vidas, porque a memória é a única garantia de que o grupo segue sendo o mesmo, em meio a um mundo em perpétuo movimento”.

Tem-se definida a memória segundo características de continuidade e dinâmica e não de momentaneidade e estática. A primeira se refere ao caráter de comunicação, diferentemente de da segunda que tem um caráter de informação. A memória se exprime como uma relação direta às recordações dos indivíduos aos fatos e fenômenos passados a partir de suas experiências pessoais. Não há uma intencionalidade em fazer presente tais fatos ou experiências, mas sim fazê-las presente segundo a capacidade de recordar e transformá-los em lembranças no presente.

Os processos de comunicação podem ainda se definir a partir da interpretação e da criação de um contexto segundo os fatores que o determinam e suas recordações a partir dos espaços de pertinência social. A ligação construída entre presente e passado se desenvolve em diferentes linhas de comunicação, sejam verbais, escritas ou simbólicas, e se fazem atemporalmente pois a capacidade de organizar e definir ideias e relacioná-las a uma linha espaço-temporal torna-se elemento não obrigatório para a sua definição.

2 | A MEMÓRIA, OS MARCOS ESPACIAIS E OS MARCOS TEMPORAIS

As relações existentes entre tempo e espaço apresentam uma construção de processos de interação e inter-relação de fatores como graus de pertencimento, importância e recordações. Eles se definem a partir da interpretação e determinação do tempo e segundo os impactos quanto às distâncias (geográficas) ou a dimensão dos espaços de vivência. Esta capacidade de inclusão ou exclusão do indivíduo ou de grupos nos espaços sociais e de convivência permitem construir a memória e definir os fatores considerados importantes.

Para Batalha et al. (2004) essa definição socioespacial de convivência permite a construção de relações pessoais ou grupais em que se tem um entrelaçamento dos espaços públicos e privados, pessoais e profissionais. A determinação de uma interação entre espaço fabril e espaço social leva, respectivamente à construção de relações operárias e sociais, seja no âmbito organizacional como no social.

Atualmente, a definição do tempo não se faz em função dos espaços, mas se impõe como fator definidor dos processos e dos lugares, sejam pessoais ou coletivos. Uma coordenação cronométrica entre indivíduos e os diferentes lugares permite a criação de articulações entre fatos e recordações. A rearticulação das regiões espaço-temporais não territoriais (a memória) e os meios e fatores definidos como unidades simbólicas de presença e pertencimento definem sistemas abstratos (a cultura) e a capacidade de reflexividade de indivíduos e grupos.

Para Melucci (1989), as relações entre espaço-território e espaço-físico estão determinadas, de maneira geral pela proximidade às sociedades pré-modernas. Os lugares ou espaços de pertinência e identidade mudam e deixam de ser pontos de

subsistência básica, segundo o entorno de confiança básico definido por indivíduos ou grupos. Eles são definidos pelos entornos em que a configuração humana constrói suas relações de integração, não necessariamente presencial. Nesse contexto, a memória apresenta como uma de suas características a presença de fatos e fenômenos passados no presente, a atemporalidade. Mas, ela também se coloca de forma dinâmica e sistêmica que ocorre a partir de espaços abertos, relacionados às variáveis de exterioridade e outros grupos e atores sociais.

A construção de relações entre passado, presente e futuro podem também ser consideradas como uma necessidade humana e como construção da memória. Sua definição se delinea a partir de conceitos que apontam para fatores multidisciplinares – míticos, históricos, políticos etc. – e permitem construir e reconstruir as bases das relações pessoais e coletivas. Estas referências permitem ao indivíduo e aos grupos uma estabilidade do imaginário social, construído e real, e garante a identificação e a identidade individual e coletiva para os diversos grupos sociais (Ferreira e Orrico, 2002).

Nessa concepção, o processo espaço-tempo se expande e se produz segundo as mudanças e as interpretações realizadas por pessoas e grupos. Dentre as condições que as facilitam e as determinam, a identificação e a identidade com relação à variável espaço-tempo têm uma contextualidade e uma funcionalidade próprias. Assim, uma análise para definir a relação homem/sociedade e tempo/espaço se constrói segundo a percepção do passado a partir de questões baseadas na integração primária e co-presencial. Geralmente, as percepções do passado advêm de experiências próprias que determinam estas recordações. Entretanto, uma integração sistêmica e social na qual se organizam ou se estabelecem as relações entre os indivíduos ocorre segundo estruturas e relações que se colocam presentes e regem as demandas de convivência a partir da ordem de importância dos fatos sociais, da proximidade e da imediaticidade de indivíduos e grupos, podendo ser consideradas como fatores de definição da memória pessoal e grupal.

Para Castells (1999a), a contemporaneidade tem definido às preocupações da relação espaço/tempo uma centralidade quanto ao contexto dos processos sociais, sua frequência de mudanças e ocorrências e sua estabilidade ou instabilidade. A ideia de temporalidade associada às questões sociais tende a redefinir os processos segundo o “mimetismo histórico”. A partir dele se tem uma adaptação das bases formadoras das relações, e de suas memórias, segundo a capacidade de reafirmação ou de transformação dos parâmetros de identificação e identidade. As novas regras do mundo social a partir dos contextos de espaço-tempo e seu distanciamento das relações formais e concretas de construção da identidade reorganizam as questões sociais e conseqüentemente definem a construção e a reconstrução da memória individual e social.

Ao determinar o comportamento dos indivíduos e seus grupos de pertinência, os fatos passados se constituem em importantes marcos para a construção do presente

e para a redefinição dos elementos considerados importantes ou não para o homem, e para a sociedade. Esta identificação entre passado e presente, e suas implicações, podem ser interpretadas segundo Harvey (1989) como uma importante questão de definição de espaço em que se compreende uma relação definida como “compressão espaço-temporal”.

Tal significado pressupõe que os fatos e a vida presente estejam baseados na história de vida pessoal e coletiva, a partir das quais se constrói e se interpreta o que é importante e se determinam as relações pessoais e sociais. Quando se tem esta compreensão se pode avaliar as interpretações acerca de indivíduos e grupos segundo os fatos e fenômenos por eles construídos e constituídos. Os fatos e suas interpretações e a importância ou não dada a eles têm um significado que para Lash e Urry (1994) se define como a nova economia de signos e espaço.

Estas perspectivas de desenvolvimento e entendimento do passado a partir das relações entre fatos e fenômenos e sua simbologia têm perspectivas diferenciadas nos mais diversos âmbitos – cultural, econômico, gênero, comunidades etc. – pois apresenta o espaço como um dos resultados e eixos formadores dos estudos e do conceito de tempo. Quando se expande esta interpretação à difusão e construção das relações do trabalho a partir da perspectiva social se tem uma visão interdisciplinar (Jameson et al, 1998).

A necessidade de uma construção histórica e de criação da memória a partir do “materialismo histórico-geográfico”, segundo Soja (1996), ou dos fluxos do espaço/tempo de Castells (1999b), possibilita a recuperação da ideia de uma relação espaço/tempo em que se tem a criação do conceito de memória sob a perspectiva de simultaneidade e atualidade do termo “tempo atemporal”, assim como se pretendem suas bases de construção e se constitui como uma de suas principais características.

3 | AS MEMÓRIAS SOCIAIS DO ESTUDO DE CASO

O desenvolvimento de atividades de ócio, esportes e cultura também fizeram parte das ações da Companhia ao longo da primeira metade do século XX. Durante as décadas de 1930/60, a Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira pode ser considerada um dos pilares para a implantação e crescimento das atividades esportivas nas cidades em atuava.

Dentre as associações esportivas criadas no âmbito da empresa ou por pessoas a ela relacionadas, destaca-se o Esporte Clube Siderúrgica, criado na década de 30, além de outros clubes da cidade – AEXAS (Associação Atlética dos Ex-Alunos do SENAI), Sparta V.C., Botafogo F.C., Farol E.C. e Montana e Cano de Ferro (futebol) – “que integram o pessoal da Companhia, muitos dos quais com projeção em todo o Estado e no País” (‘O Pioneiro’, ano I, no 3, jan/1955, pp. 05).

Em várias oportunidades, as equipes de diversas modalidades que representavam os clubes em competições esportivas se compunham pelo pessoal da empresa. Com

isso, a Companhia divulgava nas comunicações a liberação dos funcionários-atletas para o exercício das atividades esportivas nos eventos aos quais encontravam-se vinculados como forma de envolver e estimular a participação dos funcionários nas diversas modalidades propostas. A empresa autorizava os funcionários-atletas a treinarem e divulgava, previamente, nomes e horários a serem cumpridos na empresa e para dedicação às atividades esportivas.

“Ausências/Serviço – Comunicamos a Vv. Ss. Que, atendendo solicitação do E. C. Siderúrgica, concordamos em permitir que os empregados abaixo se ausentem do serviço, nas seguintes datas, a-fim de participarem dos jogos eliminatórios para o “Campeonato do Interior de Voleibol”. Dias 18-19-20 e 21: Alvaro Mendes – Dias 18-19 e 20: Osvaldo Moura, Wilson Evangelista, José Geraldo Gomes, José Alico Seabra, Rubens Dias dos Anjos, Francisco Germano dos Anjos, José Luiz Magalhaes e Alberto Valério – Dias 19-20 e 21: Adão Morais, Zildo Ferreira, Ilmo Evangelista, Gilberto Rosa, José Gregório e Alvaro Cândido”. (CSBM, Notas de Serviço, Livro nº 1, 1952-1965, N.S. 1119, 16-7-58, fl. 14v.).

Assim, as atividades esportivas desenvolvidas e incentivadas pela Companhia se traduziam em complexos esportivos nos principais centros produtivos – Sabará e João Monlevade –, sendo que nesta cidade foi construído, inclusive, um estádio de futebol para entretenimento não somente dos funcionários e familiares, mas de toda a sociedade

“Em 15 de novembro de 1952, foi lançada a pedra fundamental do Estadio “Louis Ensch”. Esta praça de esportes, que está sendo construída numa área de 27 mil metros quadrados, terá uma capacidade de 12 mil espectadores. O conjunto constará de uma piscina olímpica medindo 50 metros de comprimento por 21 de largura, campos de futebol, vôlei e basquete, pista de atletismo, play-ground com piscina para crianças e um ginásium. Terá ainda uma sede com salão de festas, biblioteca e salas de reunião. O acesso para o estádio será por dois lados, possibilitando um rápido escoamento. Foi projetada também uma grande área destinada ao estacionamento de automóveis”. (CSBM, 1953, p. 47).

O incentivo às atividades esportivas e integração entre os funcionários das diversas unidades e cidades de atuação da Companhia, entre os anos de 1958 e 1960 proporcionou a organização e realização pela empresa promoveu das “Olimpíadas Belgo-Mineira”. Além do envolvimento dos funcionários, a organização estimulava as famílias e coletividades a participarem a partir de ações junto às suas residências, como a poda de árvores e a preocupação com a manutenção da limpeza das Vilas Operárias quando da ocasião dos jogos.

“Olimpíada – Em virtude de ter a Direção Geral da Companhia determinado que aqui se realizassem mais uma vez os já tradicionais Jogos Olímpicos da CSBM (de 29 de abril a 3 de maio), permitimo-nos, conforme já o fizemos nos anos anteriores, solicitar sua valiosa cooperação no embelezamento dessa rua, promovendo com antecedência a poda das cêrcas vivas e árvores ornamentais porventura existentes na frente da sua casa bem como o possível aprimoramento do seu jardim. Outrossim, ao considerarmos que existem à frente ou ao lado de algumas residências árvores

que por ser de grande porte estão deixando de representar um motivo ornamental para se constituírem em sério perigo de acidente quanto, balançadas pelo vento, possam atingir os fios de eletricidade ou mesmo serem derrubadas sobre as casas, o que traria consequências imprevisíveis, e acrescentando ainda a circunstância de que quando frutíferas (principalmente abacateiros ou mangueiras) a queda de seus frutos sobre os telhados, com a constante quebra de telhas, traz prejuízos à própria estrutura da moradia, gostaríamos de ver tais árvores abatidas e posteriormente substituídas por outras de formação mais delicada e menos perigosa. Para a derrubada de árvores frondosas e extirpação de suas raízes que chegam a deformar calçamentos e inutilizar rêdes de esgoto, poderão os interessados solicitar auxílio ao nosso Escritório que determinará a execução de tais serviços sem despêsa alguma para o solicitante. Confessando-nos antecipadamente agradecidos pela boa atenção que estamos certos, V.S. não deixará de dispensar ao pedido ora feito, aproveitamo-nos deste ensêjo para apresentar-lhe saudações atenciosas, firmando-nos mui atenciosamente”. (CSBM, Notas de Serviço, Livro nº 1, 1952-1965, NS 1178, 17-3-59, fl. 22v.).

Em decorrência dos resultados obtidos nas Olimpíadas, a Companhia oferecia aos seus funcionários momentos de confraternização, os quais decorriam do reconhecimento da participação e proporcionavam a integração entre empresa e sociedade.

“Churrasco – Grupo – O signatário desta, desejando homenagear os atletas que, com tanto ardor e dedicação defenderam as cores de Siderúrgica na Terceira Olimpíada, há pouco realizada, oferecerá um “churrasco” no galpão do grupo Escolar “Christiano Guimarães”, às 12,00 horas da próxima quinta-feira, dia 7. – Cumprimentando pois, pela atuação brilhante, aos denodados atletas desta Divisão, convida todos a participarem desse encontro, para o qual ficam também convidados os componentes da Comissão Olímpica e das comissões de esportes. – Este convite será também levado aos atletas do Esporte Clube Siderúrgica, por intermédio do Dr. Celso Tavares, seu digno Presidente”. (CSBM, Notas de Serviço, Livro nº 1, 1952-1965, NS 1194, 5-5-59, fls. 24v-25).

Tem-se desta forma que a empresa incentivava seus empregados ao exercício das atividades esportivas que representavam uma das formas decorrentes das necessidades sociais e da constituição das relações cotidianas nas vilas operárias. Tais formas de interação social determinavam a visão e compreensão da organização das relações empresa-comunidade como importante elemento para o desenvolvimento social e de formação de cidadania.

O exercício de atividades relacionadas à cultura complementava-se, ainda com a integração entre organização e vida cultural. Dois exemplos que se fazem presentes à integração entre empresa e sociedade estão expressos pela religiosidade, nas diferentes formas de expressão da fé e na música. Os funcionários, especialmente aqueles de religiosidade cristã, atuavam fortemente na sociedade sabarense, uma cidade com influências católicas e eminentemente barroca. A participação de funcionários da Companhia nas comemorações e festas religiosas encontrava incentivo ao permitir a participação e mesmo a liberação das atividades laborais para colaborar nos preparativos para as festas.

“Semana Santa – Ref.: Benedito José dos Santos, Henrique Alexandrino e Amador Lampera – Comunicamos aos Vv. Ss. Que, atendendo solicitação da Comissão Organizadora da “Semana Santa”, concordamos em licenciar, com o ponto de 8 horas, os operários em referência, a-fim de realizarem trabalhos para as solenidades programadas: Dia 2-4-60 – Preparativos (confirmação); 8-4-60 – Depósito; 10-4-60 – Missa – Igreja N. S. do Rosário – Procissão de Ramos e Canto da paixão – Procissão do encontro – 14-4-60 – Abertura do Sepulcro, Missa da eucaristia, Lava-pés; 15-5-60 – Solenidades da Sexta-feira Santa; 16-4-60 – Solenidades do Sábado d’Aleluia; 17-4-60 – Solenidade do Domingo da Ressurreição; 18-4-60 – Para guardar os paramentos, utensílios utilizados na Semana Santa; dias 7-9-11-12-13 de abril de 1960”. (CSBM, Notas de Serviço, Livro nº 1, 1952-1965, NS 1295, 6-4-60, fls. 39-39v).

Em relação à música, tem-se a tradição regional que consiste na existência de bandas de música nas cidades mineiras também encontra na organização uma cooperação para o incentivo e preservação dessa forma de cultura popular. Periodicamente, eram promovidos encontros de bandas de música na capital mineira, Belo Horizonte, cujos músicos eram empregados da Companhia tinham a anuência e liberação da empresa para sua participação.

“Licença – músicos – Em virtude de terem que desfilar em B. Horizonte, com a Sociedade Musical Santa Cecília, a partir das 14 horas do dia 2 de julho (sábado), os empregados constantes da relação anexa, poderão faltar ao serviço e serão abonados no referido dia, conforme segue: 1) Os que estiverem no terno das 7 às 15 horas, receberão ponto normal se trabalharem das 7 às 11 horas e comparecerem ao desfile. – 2) Os que pertencerem ao terno das 15 às 23 horas terão quatro horas de bonificação, sem comparecimento ao serviço, desde que tomem parte no desfile – 3) Aqueles que estiverem no terno das 23 às 7 horas receberão também quatro horas de bonificação, mas desde que tenham participado das festividades”. (CSBM, Notas de Serviço, Livro nº 1, 1952-1965, NS 1317, 30-VI-60, fl. 42v).

Assim como a manutenção e atualização as notícias por meio de uma rádio transmissora – Rádio Cultura – na cidade de João Monlevade, a qual exercia a função de comunicação entre empresa e funcionários, bem como a função social com programação de entretenimento junto aos moradores das vilas operárias. (Figura 1)



Figura 1 – Rádio Cultura, João Monlevade, Anos 1960.

Fonte: Acervo do Centro de Memória da Fundação ArcelorMittal, 2016.

“[...] entrada em funcionamento em Janeiro [de 1961] da Rádio Cultura de Monlevade – dados e características técnicas e programação da rádio – “de acordo com esboços que vêm sendo estudados, a emissora de Monlevade apresentará programas de interesse para a comunidade operaria local (Previdência Social, Prevenção de Acidentes do Trabalho, Jurisprudência Trabalhista, etc) além de horários especiais para noticiário local, estadual e nacional, para reportagem esportiva e outras transmissões externas, para música popular e clássica, para programa religioso e outras iniciativas que assegurarão à Radio Cultura um padrão à altura das melhores emissoras do País”. (Periódico “O Pioneiro”, ano V, n. 109, dez/1960, p. 8).

As atividades sociais incluíam datas móveis comemorativa, como o Dia das Mães, ocorrida no segundo domingo de maio, que fazia parte dos momentos de aproximação entre comunidade e empresa. A Companhia organizava tais atividades em que promovia a formação de comissão própria para sua realização além de formalizar o ato comemorativo.

“Dia das mães – A Comissão encarregada de promover os festejos que assinalam a passagem do “Dia das Mães”, por meu intermédio, vem convidar aos senhores relacionados na folha anexa, para comparecerem no Cine Bandeirante, no próximo dia 10, às 10 horas, onde será realizada uma sessão comemorativa àquela data”. (CSBM, Notas de Serviço, Livro nº 1, 1952-1965, NS 1196, 8-5-59, fl. 25).

Além destas ações da empresa, no âmbito interno das Usinas havia uma preocupação com questões sociais e de entretenimento dos empregados nos momentos de descanso e pausas entre os turnos de trabalho. A promoção de atividades de leitura, bem como a de momentos de confraternização decorrentes de resultados produtivos adinham do reconhecimento da empresa para com os empregados.

“Leitura em serviço – Desejamos condenar aqui a conduta de certos empregados que têm sido vistos lendo jornais em horas de serviço: 1) – Quem assim procede não poderá estar atento aos s/ deveres. 2) – Mesmo que esteja trabalhando com máquina de operação automática, a perfeição do seu trabalho dependerá de atenção. 3) – Se o seu trabalho lhe permite folgas para leitura, por outro lado não lhe permitirá o eventual direito de pleitear melhor salário. É claro que estas observações não se referem às folgas previstas nos revezamentos de turmas, como é o caso do Laminadouro, nem tão pouco às folgas destinadas à refeição do pessoal”. (CSBM, Notas de Serviço, Livro nº 1, 1952-1965, NS 1130, 3-9-58, fl. 16).

“Reuniões semanais – Ao ensêjo da comemoração, dia 1º de julho, do 3º aniversário da instituição das reuniões que, com finalidade administrativa, temos realizado impreterivelmente tôdas as semanas, oferecerei aos integrantes das referidas reuniões, às 19 horas daquele dia no Casino Novo, um “Jantar de Íntima Confraternização” para o qual tenho o prazer de convidar os senhores mencionados na relação anexa e suas exmas. espôsas (ou outro membro da família). Para contrôle da Gerencia do Casino na disposição dos seus serviços, peço a cada um anotar à frente do seu nome qual será o seu acompanhante”. (CSBM, Notas de Serviço, Livro nº 1, 1952-1965, NS 1316, 30-6-60, fl. 42).

A preocupação com a questão social se fazia presente, desde as gerações mais jovens, conforme os programas de formação profissional e renovação da força de trabalho como a presença irregular de menores nas dependências da Usina que, de maneira geral, se serviam de entregadores de refeições aos trabalhadores.

“Menores na Usina – Em virtude de desinteligências que estão ocorrendo no portão existente ao lado da Oficina Mecânica, somos levados a reiterar os termos da antiga nota de serviço que proíbe a entrada de menores na Usina, mesmo sob o pretexto de conduzirem refeições par os nossos trabalhadores”. (CSBM, Notas de Serviço, Livro nº 1, 1952-1965, NS 1221, 20-7-59, fl. 28v).

Entretanto, o programa de maior repercussão social e que envolvia uma parte considerável do pessoal da empresa se referia ao grupo denominado Clube da Velha Guarda que congregava funcionários da organização que haviam dedicado mais de 20 anos à Companhia.

“Clube da Velha Guarda, agremiação fundada por Louis Ensich em 1949 para coroar o esforço e o devotamento dos mais antigos empregados da Belgo-Mineira. De acordo com a tradição estabelecida, integrava as fileiras da Velha Guarda o empregado que completava 20 anos de serviços efetivos e continuados na empresa. A “Cerimônia de Entrega do Relógio” assinalava a incorporação de novos membros ao Clube.

A primeira festa da Velha Guarda aconteceu no ano de sua fundação. Em 1952, a festividade coincidiu com as comemorações do jubileu de prata de Louis Ensich na Belgo-Mineira. A terceira festa, realizada em maio de 1955, homenageou o presidente da ARBED, Félix Chomé, presente à cerimônia. Na ocasião, Lucila Braconnot, empregada do escritório da Belgo no Rio de Janeiro e primeira mulher a integrar o Clube, recebeu o relógio das mãos do presidente da ARBED. Em 1957, com 550 membros, o Clube da Velha Guarda da Belgo se tornou o mais numeroso grupo de empregados veteranos no país.

Comemorava-se o “Dia da Velha Guarda” em 25 de junho, data de nascimento do patrono Louis Ensich. O Clube, que chegou a agregar mais de 1.200 empregados, viveu seu auge na década de 1950 e existiu até o início dos anos 1970”. (Belgo-Mineira Arcelor, Boletim Eletrônico Memória Belgo, a. I, n. 5, 03/07/2003).

Dentre as atividades promovidas pelo Grupo da Velha Guarda, as festas, missas e demais cerimônias contavam com o apoio formal da Companhia, que por vez ou outra, anunciava em sua comunicação oficial a realização dos eventos.

“Festa V.G. – Comunicamos aos senhores chefes de secções que os empregados cujos nomes estão constando da relação anexa têm permissão para se ausentarem do serviço nos dias 9, 10 e 11 do corrente mês, a-fim de comparecerem à festa de entrega de relógios aos novos membros da velha Guarda, que será realizada desta vez na Divisão Monlevade”. (CSBM, Notas de Serviço, Livro nº 1, 1952-1965, NS 1195, 8-5-59, fl. 25).

“Convite – O Clube da velha Guarda fará celebrar às 17,30 horas do dia 9 dêste (sexta-feira), na Igreja Matriz de N. S. da Conceição, Missa de aniversário em sufrágio da alma do seu saudoso fundador e patrono, Dr. Louis Ensich. Para êste

ato religioso convidamos todos os nossos companheiros e suas exmas. famílias, bem como os amigos e admiradores do nosso primeiro Diretor Geral”. (CSBM, Notas de Serviço, Livro nº 1, 1952-1965, NS 1333, 5-9-60, fl. 45).

Percebe-se por meio dos diversos campos de atuação da Companhia junto à vida cotidiana das Vilas Operárias e das coletividades por ela mantidas, desde preocupações quanto à qualidade de vida e das condições sociais àquelas relacionadas à formação ética do indivíduo e a manutenção de padrões sociais de convívio e de bem-estar social. Nas mensagens de fim de ano, apresentadas pela Companhia por meio de notas de serviço, tem-se uma visão paternalista que se apresenta nos desejos e nas felicitações aos empregados e familiares.

“Felicitações – Ao ensêjo das alegres festas de Natal e Ano Bom, ocasião em que “... comemoramos reconfortados os êxitos alcançados no ano que se finda e brindamos esperançosos e confiantes o Novo Ano, é com real satisfação que a Diretoria da Usina de Siderúrgica comparece através desta mensagem diante dos seus dignos colaboradores, para lhes apresentar, extensivos às suas exmas. famílias, os mais sinceros e melhores votos de Boas Festas e de um Ano Novo prospero e venturoso. Assim, conservando-nos na confortadora certeza de que será mantido entre nós o elevado espírito de amizade e confiança que jamais deixou de existir nas relações entre dirigidos e dirigentes da Usina de Siderúrgica, reiteramos a todos nossas calorosas felicitações”. (CSBM, Notas de Serviço, Livro nº 1, 1952-1965, NS 1363, 22-XII-60, fl. 49).

Uma complementaridade ao reconhecimento dos trabalhadores pela Companhia se faz distinguida pelos órgãos estatais por meio da comendas e condecorações oficiais concedidas aos diretores da empresa, como a oferecida ao diretor geral, Dr. Louis Ensck e demais diretores, em especial a Ordem Nacional do Mérito, concedido o grau de Comendador, ao fundador, diretor e presidente da Companhia, o Dr. Christiano Guimarães, a qual foi concedida sob discurso do Sr. Presidente da República, Juscelino Kubitschek. (DOU, 1941).

Em dos elementos marcantes da cultura sabarense e mineira, senão nacional, se configura a partir do ato de doação firmado entre a empresa e o governo federal. Ele apresenta repercussão nacional e se constitui de importância fundamental ao desenvolvimento da memória e história de Sabará. Refere-se à concretização do Museu do Ouro, referência ao período colonial áureo dos séculos XVII a XIX, com o Ciclo de Ouro e a atividade minerária que fez surgir grande parte dos municípios estaduais. Em 1940, o então diretor-geral da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, Dr. Louis Ensck, repassou ao governo da União o local, em que anteriormente funcionou a Casa de Fundação de Sabará.

No decorrer da primeira metade do século XX, a Companhia se caracterizou, em diversas oportunidades, como uma organização que buscou a integração e cooperação com as comunidades em que instalou suas unidades produtivas. A busca por melhorias sociais, pela implantação de equipamentos urbanos e estruturação das cidades levou ao desenvolvimento de uma identidade social e cultural que se consolidou ao longo

dos anos.

Uma das características essenciais que permite vincular os elementos sociais e urbanos da empresa ao patrimônio cultural refere-se, geralmente, à continuidade da vida organizacional nos âmbitos privados, dos indivíduos e das famílias, e público, das coletividades. (Figura 2).



Figura 2 – Esquema Representativo de Elementos do Patrimônio Cultural-Social da Companhia

Fonte: Rodrigues da Silva, p. 298, 2017.

Como elemento aglutinador entre empresa, trabalhadores e comunidade deve-se considerar um relevante meio de comunicação, construído pela empresa e que demonstrou ser um importante elo entre a sociedade e a organização, o periódico "O Pioneiro". O jornal pode ser considerado o meio de comunicação integrador nas sociedades em que a Companhia atuava, sendo impresso e distribuído em diferentes períodos, de semanalmente à quinzenalmente, durante o tempo em que circulou, entre os anos de 1954 e 1965.

De forma geral suas sessões se constituíam em médio no total de 06 (seis) páginas nas quais se observa uma certa distribuição das notícias que se apresentavam a partir de um editorial e as principais notícias na primeira página e diversas sessões nas páginas subsequentes, desde depoimentos, curiosidades e histórias da empresa à sessão de passatempos, com palavras cruzadas, anedotas, charadas, pensamentos e curiosidades.

E, seu primeiro número, o periódico se apresentava assim

'O PIONEIRO' evoca, pois, a grandiosidade do esforço construtivo dos dirigentes e trabalhadores da Belgo-Mineira e, como porta-voz de suas permanentes aspirações, vai trabalhar para que maiores feitos e glórias assinalem a história de tão valorosa comunidade". (Periódico "O Pioneiro", ano I, no 1, dez/1954, p. 1).

A proposta do periódico, assim como se percebe nas diversas atividades sociais e culturais promovidas pela Companhia foi buscar uma identificação com diversos elementos sociais, desde equipamentos urbanos, tais como, escolas, hospitais, centros de lazer e ócio, e o próprio desenvolvimento urbano das cidades, como no caso das Vilas Operárias, às atividades de lazer, esporte e cultura as quais determinaram uma conjunção de objetivos econômico-financeiros da empresa e socioculturais das

comunidades.

Entretanto, o caráter social de aproximação da organização com seus funcionários, no decorrer da década de 1960 e seguintes se desloca e se desenvolve de acordo com as premissas e o desenvolvimento mercadológico à época que se volta às questões capitalistas. As preocupações sociais, passam a ser foco de atuação do Estado, com a nacionalização dos serviços públicos, sejam eles relacionados às fontes energéticas, ao abastecimento e atividades urbanas.

A organização inicia um novo ciclo desenvolvimentista, que se centra nas questões da qualidade total, na excelência dos serviços e produtos e na concorrência nacional e internacional. A CSBM passa a se dedicar a um crescimento orgânico, décadas de 1960/90, e de fusões e aquisições, última década do século XX e século XXI. Na primeira tem-se a profissionalização da gestão tecnológica e busca pela excelência dos negócios da empresa; a segunda volta-se à competição global e à necessidade de realizar parcerias para crescimento global dos negócios. (Moyen, 2007).

4 | PENSAR A MEMÓRIA

O conceito de memória está intimamente relacionado ao conceito de história e, para Halbwachs (2006), se distingue a partir de dois tipos específicos de memória: a memória pessoal e a memória social. A primeira pode ser chamada de autobiográfica e a segunda de memória histórica, sendo a segunda mais ampla e geral, pois traz consigo os conceitos da primeira porque a história de vida das pessoas se faz a partir de um todo que seria a história do coletivo. As conexões entre indivíduo e coletividade define as relações inerentes a cada um e considera que os signos e símbolos definidos para a memória coletiva determinam os marcos principais da vida social necessitam ter significado para as pessoas, pois a identificação e identidade que os indivíduos têm para com estes marcos garante a perpetuação da própria memória coletiva.

Percebe-se assim que para a construção da memória, seja individual ou coletiva, faz-se necessário estabelecer dois marcos: o tempo e o espaço. O primeiro se relaciona às datas, à cronologia e aos fenômenos que são pontos de referência e têm um significado especial aos indivíduos a eles identificados que trazem certa identidade; o segundo se configura de forma mais real e absoluta, através dos elementos materiais, sejam edificações, espaços de convivência, de ócio, de trabalho que se constituem as recordações pessoais ou grupais.

Outro ponto a ser considerado considera descontinuidade do tempo moderno que reflete a própria construção da memória e se encontra presente nos mais diversos âmbitos da vida humana. A interpretação dos fatos e a construção de estruturas tradicionais (família, religião, grupos de pertinência etc.) e a determinação das estruturas simbólicas (trabalho, economia, relações sociais, cultura etc.) que os representa e identifica encontram-se em profunda desconstrução e reconstrução.

As características pessoais e grupais que determinam certo pertencimento

encontram-se envolvidas por fatores de identificação e de identidade de indivíduos e grupos que se constituem segundo formas diferenciadas de integração. A formação da identidade e da individualidade têm sofrido modificações dinâmicas cuja necessidade de se reconstruir se torna dinâmica. A integração social e a integração sistêmica, além da ocupação social e da identidade e pertencimento têm definido diferentes comportamentos, individuais ou coletivos. A intensificação da interconexão virtual e da formação de grupos de convivência virtual, sem a necessidade de um compartilhamento espaço-temporal, redefine os diversos grupos em que se vive e cria, em indivíduos e sociedades o que se definem como identidades múltiplas. (Rodrigues da Silva, 2009, 2013)

Essa nova conformação social, define à contemporaneidade a construção dos conceitos de memória segundo 'novas' variáveis que determinam ao espaço-tempo uma re-conformação quanto às características de pertinência, de identidade e de identificação. Os indivíduos e os grupos se determinam (ou são determinados) por fatos e fenômenos desagregados da relação espaço-tempo, mas ainda determinados pela identidade ou identificação a fatos e fenômenos que representem suas vidas. Estas referências tornam-se fatores que determinam o comportamento e criam significados na vida das pessoas e dos grupos de pertinência. Através destas estruturas, físicas ou mentais, e espaços sociais se desenvolvem as atividades que configuram as recordações e definem a memória pessoal ou coletiva.

REFERÊNCIAS

BATALHA, Cláudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira da e FORTES, Alexandre (orgs.). *Culturas de Classe*. Campinas: UNICAMP, 2004.

BRASIL. *Diário Oficial da União*. DOU, p. 2494, 07/02/1941.

CASTELLS, Manuel. Identidad, estado, trabajo, tiempo y espacio en la sociedad red: contribución a un debate abierto. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*. Madrid: CIS. nº 8, pp. 387-395, 1999a. Disponível em: <http://www.reis.cis.es/REIS/PDF/REIS_086_21.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2015.

CASTELLS, Manuel. *A era da informação*. Economia, sociedade e cultura. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, vol. 1. 1999b.

COMPANHIA SIDERÚRGICA BELGO-MINEIRA. *25º aniversário da administração do Dr. Louis Enschedé*. Diretor Geral da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira. Rio de Janeiro: Gráficos Bloch S.A., 1953.

COMPANHIA SIDERÚRGICA BELGO-MINEIRA. *O Pioneiro*. 1954-1965.

COMPANHIA SIDERÚRGICA BELGO-MINEIRA. *Notas de Serviço*. Livro nº 1, 1952-1965

COMPANHIA SIDERÚRGICA BELGO-MINEIRA. *Boletim Eletrônico Memória Belgo*. 2003-2007.

FERREIRA, Lúcia M.A. e ORRICO, Evelyn G.D. *Prefácio*. In FERREIRA, Lúcia M.A.; ORRICO, Evelyn G.D. (orgs.). *Linguagem, identidade e memória social*. Rio de Janeiro: DP&A, p. 7-12, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *Fragments de la memoria colectiva*. Athenea Digital. Revista de Pensamiento e Investigación Social, nº 2, pp. 1-11, 2002. Disponível em: <<http://atheneadigital.net/>>

article/view/n2-halbwachs/52-pdf-es>. Acesso em: 23 abr. 2014.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

HARVEY, David. *The condition of postmodernity: an enquiry into the origins of cultural change*. Oxford; Cambridge: Blackwell, 1989.

JAMESON, Fredric; NICHOLSON, Celia Montolío; CASTILLO, Ramón del. *Teoría de la postmodernidad*. Madrid, Trotta. 1998.

LASH, Scott; URRY, John. *Economics of signs and space*. Londres: Dage Publications. 1994.

MEJÍA, Oscar Mauricio Aguilar e ÁLVAREZ, María Ximena Quintero. Memória coletiva y organizaciones. *Universitas Psychology*, v. 4, nº. 3, p. 285-296, 2005.

MELUCCI, Alberto. *Nomads of the present: social movements and individual needs in contemporary society*. Philadelphia: Temple, 1989.

MOYEN, François. *A história da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira: uma trajetória de crescimento consistente (1921-2005)*. Belo Horizonte: Arcelor Brasil S.A., 2007.

OLICK, Jeffrey K. e ROBBINS, Joyce. Social memory studies: From “collective memory” to the historical sociology of mnemonic practices. *Annual Review of Sociology*, v. 24, p. 105-140, 1998.

RODRIGUES DA SILVA, Ronaldo André. Cidade, cultura e memória: Uma perspectiva a partir da arqueologia e o patrimônio industriais In: Anais do XV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira (CD). Belém: SAB, 2009

RODRIGUES DA SILVA, Ronaldo André. *O patrimônio industrial brasileiro: Memória e cultura interdisciplinar* In: Anais do II Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanas – II CONINTER (CD). Belo Horizonte: IEDS/UFMG, 2013.

RODRIGUES DA SILVA, Ronaldo André. *Cidade, cultura e memória: uma perspectiva sob a óptica da arqueologia e do patrimônio industriais*. Tese de Doutorado. Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2017.

SANTOS, Myrian S. dos. O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 23, p. 70-85, 1993.

SANTOS, Myrian S. dos. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 13, nº 38, p. 1-16, 1998.

SOJA, E. W. Planning in for postmodernity. In BENKO, Georges; STROHMAYER, Ulf (eds.). *Space and social theory*. Interpreting Modernity and Postmodernity. Oxford: Blackwell, p. 236-249, 1996.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-266-1



9 788572 472661